

Interculturalidade na produção audiovisual com indígenas

116

Mônica Panis Kaseker

mkaseker@uel.br - Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Interculturalidade na produção audiovisual com indígenas

Resumo:

A proposta deste artigo é refletir sobre uma série de produções audiovisuais interculturais, em que equipes de pessoas não indígenas atuam com estudantes indígenas na construção de suas autobiografias étnico-comunitárias. Essas produções são realizadas como parte das atividades do Ciclo Intercultural de Iniciação Acadêmica dos Estudantes Indígenas da Universidade Estadual de Londrina desde 2018. Por meio das afetações transformadoras de práticas acadêmicas e pedagógicas, propõe-se um olhar sobre os deslocamentos, mudanças de direção em modos de pensar e fazer na produção audiovisual. A pesquisa se embasa em autores indígenas e outros pensadores decoloniais, anticoloniais e contracoloniais da América Latina. Depara-se com um processo em fluxo constante que é atravessado pelo desafio da interculturalidade e da autocrítica, na busca pelo “corazonar” e por uma práxis comunicacional outra. Conclui-se que o paradigma da decolonialidade e da interculturalidade coloca os sujeitos envolvidos, indígenas e não indígenas, em uma relação de aprendizado mútuo, de troca de saberes e horizontalidade.

Palavras-chave:

comunicação, interculturalidade. povos indígenas, corazonar, decolonial.

Interculturalidade na produção audiovisual com indígenas.

Interculturality in the audiovisual production with indigenous.

Páginas 116 a 141 en **La Trama de la Comunicación**, Volumen 28 Número 2, julio a diciembre de 2024 - ISSN 1668-5628 - ISSN 2314-2634 (en línea)

Interculturalidad en la producción audiovisual con indígenas

Resumen:

El propósito de este artículo es reflexionar sobre una serie de producciones audiovisuales interculturales, en las que equipos de personas no indígenas trabajan con estudiantes indígenas en la construcción de sus autobiografías étnico-comunitarias. Estas producciones se realizan como parte de las actividades del Ciclo Intercultural de Iniciación Académica de Estudiantes Indígenas de la Universidad Estadual de Londrina desde 2018. A través de los efectos transformadores de las prácticas académicas y pedagógicas, una mirada a los desplazamientos, cambios de rumbo en los modos de pensar y hacer en la producción audiovisual. La investigación se basa en autores indígenas y otros pensadores decoloniales, anticoloniales y contracoloniales de América Latina. Estamos ante un proceso en constante cambio que está atravesado por el desafío de la interculturalidad y la autocrítica, en la búsqueda de un “corazón” y una praxis comunicacional diferente. Se concluye que el paradigma de decolonialidad e interculturalidad sitúa a los sujetos involucrados, indígenas y no indígenas, en una relación de aprendizaje mutuo, intercambio de conocimientos y horizontalidad.

Descriptor:

comunicación, interculturalidad, pueblos indígenas, corazonar, decolonial

Interculturalidade na produção audiovisual com indígenas.

Interculturality in the audiovisual production with indigenous.

Páginas 112 a 136 en **La Trama de la Comunicación**, Volumen 28 Número 2, julio a diciembre de 2024 - ISSN 1668-5628 - ISSN 2314-2634 (en línea)

Interculturality in the audiovisual production with indigenous

Abstract:

This article reflect about a series of intercultural audiovisual productions, in which teams of non-indigenous people work with indigenous students in the construction of their ethnic-community autobiographies. These productions have been carried out as part of the activities of the Intercultural Cycle of Academic Initiation of Indigenous Students at the State University of Londrina since 2018. Through the transformative effects of academic and pedagogical practices, a look at displacements, changes of direction in modes of thinking and doing in audiovisual production. The research is based on indigenous and other decolonial, anticolonial and countercolonial authors from Latin America. We are faced with a process in constant flux that is crossed by the challenge of interculturality and self-criticism, in the search for “corazonar” and a different communicational praxis. It is concluded that the paradigm of decoloniality and interculturality places the subjects involved, indigenous and non-indigenous, in a relationship of mutual learning, knowledge exchange and horizontality.

Describers:

communication, decoloniality, interculturality, indigenous peoples, corazonar, decolonial

Interculturalidade na produção audiovisual com indígenas.

Interculturality in the audiovisual production with indigenous.

Páginas 116 a 141 en **La Trama de la Comunicación**, Volumen 28 Número 2, julio a diciembre de 2024 - ISSN 1668-5628 - ISSN 2314-2634 (en línea)

Introdução

Desde a redemocratização do Brasil e a regulamentação da Constituição Brasileira de 1988, que reconheceu os povos indígenas como cidadãos de direitos, a presença indígena tem crescido na educação superior, ainda que vagarosamente. Ações afirmativas por cotas raciais e sociais e/ou por vagas específicas para estudantes negros e indígenas em cursos de graduação e de pós-graduação intensificaram o ingresso desses estudantes nas universidades brasileiras e em diversos países da América Latina nas últimas décadas (Amaral, 2019a).

O Censo Demográfico de 2022 contabilizou aproximadamente 1,7 milhão de indígenas no Brasil. Destes, 46 mil estavam inscritos em um curso superior, um número quase cinco vezes maior do que o registrado em 2011, quando apenas 9.764 alunos do ensino superior se identificavam como indígenas. (IBGE, 2022)

No estado brasileiro do Paraná, o Vestibular dos Povos Indígenas foi criado em 2001 e à Comissão Universidade para os Indígenas (Cuia), composta por professores, representantes estudantis e da comunidade, foi atribuída a tarefa de acompanhar o ingresso e a trajetória dos estudantes indígenas nas universidades estaduais¹. Em 2012, a Comissão Universidade para os Indígenas da Universidade Estadual de Londrina (Cuia/UEL) realizou um estudo sobre a evasão dos estudantes indígenas, constatando que dos 54 ingressantes nos primeiros dez anos dessa política estadual nesta Universidade, 28 haviam evadido, o que contabilizava

1 No Brasil a identidade indígena é compreendida como a autoidentificação do sujeito indígena em consonância com o reconhecimento por parte de seu grupo étnico. O Vestibular dos Povos Indígenas é uma forma de ingresso na universidade específica direcionada aos povos originários. Para participar, o estudante precisa apresentar uma carta de anuência da liderança do território indígena ao qual pertence. Mesmo os que moram nas cidades estão vinculados aos territórios de origem. Nesse sentido, utilizamos os termos indígena e não indígena, para nos referirmos aos sujeitos envolvidos nesse processo intercultural.

51,8%. Além disso, havia também um represamento nas séries iniciais, o que enfraquecia os vínculos com a turma e inviabilizava, muitas vezes, a continuidade do processo formativo (Amaral, 2019b). Outras dificuldades foram identificadas como a fragilidade dos conhecimentos da educação básica, os preconceitos vivenciados cotidianamente, a utilização da Língua Portuguesa como segunda língua para alguns estudantes, a distância geográfica da universidade e a adaptação ao ambiente urbano.

Sem dúvidas, a presença de estudantes indígenas e negros nas universidades provoca transformações e é por si um movimento decolonizador, considerando sua histórica ausência em cursos de graduação e de pós-graduação até então ocupados predominantemente por pessoas brancas e de classe média. Desafiada por essas transformações, a Universidade Estadual de Londrina criou em 2014, em diálogo com os estudantes indígenas e representantes de suas comunidades, o Ciclo Intercultural de Iniciação Acadêmica dos Estudantes Indígenas. O Ciclo consiste em um curso, com duração de um ano, que acolhe os estudantes indígenas aprovados no Vestibular dos Povos Indígenas. São apenas seis ingressantes a cada ano por universidade estadual no Paraná, predominando a presença das etnias Kaingang, Guarani Nhandeva, Mbya e Ava Guarani. Em seu primeiro ano na universidade, os estudantes indígenas se apropriam da vida acadêmica, reforçam conhecimentos em áreas fundamentais e amadurecem a escolha do curso de graduação.

Em 2021, o projeto pedagógico deste curso foi revisado e atualizado (UEL, 2021), com base nas ideias de Paulo Freire (1974), Luciano Baniwa (2006) e na proposta de decolonizar o saber (Quijano, 2005; Walsh, 2017)². No período de 2014 a 2022, ingressaram 54 estudantes indígenas nesta experiência, reduzindo os índices de evasão para em torno de 9%. (Amaral, 2023). O

2 Outras pesquisas sobre o Ciclo, a ver: Alves (2016), Pires, Amaral e Kuboyama (2018) e Luciano Baniwa e Amaral (2021).

projeto pedagógico vigente se estrutura a partir de quatro eixos temáticos sendo: Território e Identidade, Etnoconhecimentos e saúde, Protagonismo indígena e seus movimentos, lutas e organizações e, por fim, Cotidiano acadêmico, no qual fazem a aproximação com os cursos pretendidos. A articulação dos conteúdos das disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática e Ciências da Natureza com os eixos é feita por meio das disciplinas de Seminários Interculturais e de Práticas Interculturais, que orientam a transversalidade. Ao concluírem o Ciclo Intercultural, os estudantes indígenas ingressam no curso de graduação escolhido.

Desde 2017, as autobiografias étnico-comunitárias foram implementadas como atividade do Eixo Território e Identidade, com o objetivo de “contribuir para a recuperação de parte da memória histórica dos estudantes indígenas com foco na afirmação de sua identidade étnica-comunitária (dimensão coletiva)” (Amaral, 2019b). A produção passou a ser elaborada em vídeo a partir de 2018 com um processo de produção audiovisual colaborativa composto por uma série de rodas de conversa sobre os temas território, ancestralidade, etnia, aspectos culturais da comunidade, oficinas de texto, de grafismo e de produção audiovisual. O primeiro eixo do Ciclo, no qual são produzidas as autobiografias, trata sobre os processos de ocupação dos territórios e relações de poder, assim como espaço de memória e de fronteira étnica. As histórias de vida abordam sobre os territórios e comunidades, assim como os atravessamentos históricos vivenciados. O repertório desenvolvido nessa etapa engloba temas como marcas culturais, identidade e diferença, pertencimento, bilinguismo e oralidade.

O Paraná tem 30.460 indígenas autodeclarados, de acordo os dados do Censo 2022, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Na região do município de Londrina, há cinco territórios demarcados e um em retomada, totalizando uma população de 3.080 indígenas autodeclarados como pertencentes a estes territórios. As etnias presentes são Kaingang,

Guarani Mbya, Guarani Nhandeva e Xetá. Somente na Terra Indígena de Apucarantina a língua materna é o Kaingang e nas demais comunidades há um esforço para a revitalização do uso da língua indígena com a presença dos mais velhos falantes e da escolarização específica. Os modos de vida tradicionais já não são evidentes diante da proximidade com a vida urbana. A maioria dos estudantes do Ciclo Intercultural vem dessas comunidades, porém a UEL já recebeu também estudantes vindos de outras regiões, como as terras indígenas de Rio das Cobras, Ocoí, Queimadas, Mangueirinha e Marrecas. Portanto, há uma diversidade não somente étnica e cultural, mas também socioantropológica neste grupo.

Neste artigo, refletimos sobre a produção intercultural e colaborativa das autobiografias étnico-comunitárias produzidas em vídeo pelos estudantes indígenas do Ciclo Intercultural, em parceria com estudantes não indígenas de Comunicação da UEL³. A produção desses vídeos tem como proposta o fortalecimento dos vínculos identitários dos estudantes indígenas, além de tornar mais visível sua presença na universidade. Apresenta-se inicialmente a perspectiva metodológica do corazonar (Guerrero Arias, 2011) e estabelece-se o percurso, problematizando também as perspectivas decolonial, antidecolonial e contracolonial. Em seguida, apresenta-se brevemente o sistema de ingresso dos estudantes indígenas nas universidades estaduais do Paraná, a Comissão Universidade para os Indígenas (Cuia), que acompanha os acadêmicos e o Ciclo Intercultural como uma referência pedagógica inédita na América Latina. Parte-se então para a descrição do processo de produção das autobiografias étnico-comunitárias, como atividade central do primeiro eixo pedagógico vivenciado pelos estudantes no Ciclo: Território e Identidade. Finalmente, descreve-se essa caminhada encontrando pistas para decolonizar os modos de fazer com vistas a uma outra práxis comunicacional

3 Projeto aprovado pelo Comitê de Ética, CAAE: 90751018.0.0000.5231.

na produção audiovisual intercultural.

Percurso

O percurso metodológico pretende uma práxis decolonial, anticolonial e contracolonial. Estar com os estudantes indígenas de corpo presente e se deixar afetar, fluir, deixar-se desconstruir é como essa experiência se desenvolve na prática. Nesse sentido, buscamos ancoragem no termo *Corazonar* que, diferente das exclusões empreendidas pela razão ocidental, incluem conhecimentos originados das emoções e espiritualidades. (Guerrero Arias, 2011: 99)

O *corazonar* propõe um diálogo de saberes, de afetividades e de experiências de vida, ou seja, sabedorias historicamente excluídas das universidades, com as ciências sociais. O equatoriano Patricio Guerrero Arias elabora essa ideia na perspectiva da Antropologia, partindo da escuta de sábios anciãos indígenas de diferentes povos da América Latina. *Corazonar* se refere a articular razão e sentimento, valorizando as sabedorias insurgentes que oferecem, segundo o autor, não somente informações, mas possibilidades de tecer outros horizontes civilizatórios. (Guerrero Arias, 2011: 17)

A usurpação das afetividades, ternuras e sensibilidades, ao definir o homem racional como o modelo de existência hegemônica é, para Guerrero Arias, uma expressão perversa da colonialidade, pois despoja os oprimidos de importantes combustíveis para a luta. “*Corazonar* constituye, por tanto, una respuesta espiritual, política, insurgente a un modelo civilizatorio que prioriza el capital sobre la vida” (Guerrero Arias, 2011: 100)

Guerrero Arias propõe imaginar outro sentido de civilização, questionando a forma como temos produzido conhecimento vinculada a uma matriz imperial/neocolonial de poder. Esse conhecimento hegemônico instrumental da ciência tal como foi concebida “já não nos salva, já não nos oferece possibilidades de

sentido frente à existência”, somente é útil ao capital e ao mercado. Afirma o autor: “A epistemologia por teorizar distante da vida e falar só ‘sobre’ ela, constrói um saber cognitivo que explica, descreve, mas não envolve nossa subjetividade com o que conhecemos, por isso não tem tido o poder para transformar a existência individual ou coletiva; enquanto que a sabedoria por estar ligada ao sentido da existência e ter sido construída e falar ‘desde’ a vida, tem feito isso cotidianamente” (Guerrero Arias, 2012: 205)

Para um não indígena, na posição de docente/pesquisador, outra preocupação ética é a de evitar o extrativismo epistêmico aliado ao extrativismo ontológico, pois são eixos que possibilitam o extrativismo econômico (Grosfoguel, 2016). A negação da humanidade de povos colonizados e a negação, ou por vezes, a apropriação de seus saberes, permitem a extração de insumos materiais e epistemológicos. Ideia corroborada pelo escritor indígena brasileiro Daniel Munduruku: “O que acontece hoje, efetivamente, a respeito da propriedade intelectual? Aliás, uma palavra extremamente quadrada, pois implica que um sujeito é dono do saber do outro. Pode até ser, mas se considerarmos apenas o contexto do capital, pois o saber dos indígenas não é somente deles, é de todo mundo, diz a lei. O saber indígena é tido como domínio público, mas o do cientista é tido como um saber próprio. E ele se adequa ao sistema justamente por causa disso, porque tem valor econômico. O que discutimos em muitas esferas é que esse saber do qual somos detentores precisa ser respeitado. E ser respeitado não significa ser comprado” (Munduruku, 2020:24).

Não há como negar que a universidade é constituída por processos colonizadores, civilizatórios e seus modelos, normas e padrões reproduzem lugares de privilégio e hegemonia. Na perspectiva de Cida Bento, essa reprodução faz parte de um pacto da branquitude: “Regras, processos, normas, ferramentas utilizadas no ambiente de trabalho preferem e fortalecem silenciosamente os que se consideram “iguais”, atuando sistemicamente na trans-

missão da herança secular do grupo, no fenômeno que viemos chamando de pactos narcisísticos” (Bento, 2022: 76).

Nesse sentido, é importante que esse sujeito docente/pesquisador não indígena imprima sobre si e sobre seus pontos de vista constante análise autocrítica, sob o risco do discurso decolonizador tornar-se mera performance. A boliviana Silvia Rivera Cusicanqui alerta que “não pode haver um discurso da descolonização, uma teoria da descolonização, sem uma prática descolonizadora. O discurso do multiculturalismo e o discurso do hibridismo são leituras essencialistas e historicistas da questão indígena que não tocam nos temas de fundo da descolonização; mas antes encobrem e renovam práticas efetivas de colonização e subalternização. Sua função é suplantar as populações indígenas como sujeitos da história, converter suas lutas e demandas em ingredientes de uma reengenharia cultural e estatal capaz de submetê-las à sua vontade neutralizadora. Um “mudar para que nada mude” que outorgue reconhecimentos retóricos e subordine de forma clientelar os índios a funções puramente emblemáticas e simbólicas, uma espécie de “trabalho escravo cultural” a serviço do espetáculo pluri-multi do Estado e dos meios de comunicação de massa” (Cusicanqui, 2021:101-102).

O protagonismo dos estudantes indígenas na produção das autobiografias é, portanto, ponto de partida para o deslocamento decolonial nos modos de fazer dos estudantes não indígenas que atuam como facilitadores nesta atividade que é colaborativa e intercultural. A atividade é decolonial na medida em que se busca descolonizar as formas de pensar e agir dos participantes, mas também anticolonial e contracolonial porque se coloca como atividade engajada e comprometida com as lutas dos povos indígenas. Isso significa como método, que as atividades são construídas coletivamente, dialogicamente, problematizando as questões que surgem em cada caso e buscando, ainda que inseridos numa universidade que possui estruturas e sistemas colonizadores, as frestas de uma dinâmica que possibilite alguma insurgência.

Nessa guerra de denominações, conforme percebe Antonio Bispo dos Santos, a decolonialidade é a deterioração do colonialismo. Cabe aos decolonialistas educar as novas gerações para que não ataquem os povos indígenas, negros e quilombolas. Porém, esses povos subjugados necessitam ser contracolonialistas, educando suas novas gerações para que se defendam dos colonialistas e até mesmo dos decolonialistas. (Santos, 2023: 53)

Consideramos então que o trabalho da equipe busca a confluência, sendo decolonial, antidecolonial e contracolonial. A participação de estudantes de comunicação como interlocutores dos estudantes do Ciclo possibilita a construção de uma dinâmica intercultural. Os participantes não indígenas atuam como facilitadores e mediadores das atividades, focando nas técnicas de gravação, edição e pós-produção dos vídeos. Cada estudante indígena é acompanhado por um estudante não indígena na organização do pré-roteiro e na pesquisa de materiais imagéticos e sonoros. No dia da gravação, os estudantes não indígenas entrevistam os biografados perguntando sobre os pontos presentes no pré-roteiro e posteriormente editam o material conforme as instruções dos estudantes indígenas.

FIGURA 1- Estudante Kaingang Tiago Pyn Tanh de Almeida (2018).



Fonte - Canal cuia uel youtube, 2023⁴.

O pré-roteiro consiste em um texto dissertativo respondendo a perguntas-guias que provocam reflexões dos estudantes com respeito ao seu pertencimento étnico-comunitário: sua etnia, território, conhecimentos tradicionais, vivências em família e comunidade, língua indígena, trajetória escolar e perspectivas para o futuro. As autobiografias provocam discussão junto aos estudantes sobre o território “como espaço de memória e fronteira étnica. A terra como corpo físico: os novos olhares - senso comum, religião, ciência e o olhar estético”, conforme prevê o Projeto Pedagógico (CEPE/CA nº 133/2013).

Um rio que corre

As trajetórias de vida dos estudantes trazem à tona várias discussões e complexidades. Apesar de ingressarem na universidade com a anuência de uma comunidade de determinado território, não significa que mantenham vínculos estreitos com aquela terra indígena ou até mesmo que vivam ali. Enquanto alguns apre-

4 Disponível em <https://youtu.be/rmmkLAc2Ysw?si=EJs1jKsJAzcvkfQV> Acesso em 13 mar 2025.

sentam compreensão histórico-cultural a respeito de suas comunidades, outros demonstram dificuldades por não saber sobre o tema. Pesquisar sobre si e sobre sua etnia e comunidade conduz os estudantes a um processo de territorialização e reterritorialização daquele espaço geográfico. No decorrer dos encontros, o entendimento sobre cultura e identidade dos estudantes vai amadurecendo e compondo o próprio discurso sobre si enquanto estudante indígena do ensino superior.

Observa-se que as atividades e os encontros provocam incômodos e implicações, principalmente para os estudantes que não tem um vínculo profundo com suas terras indígenas. Um dos momentos mais importantes do processo é a oficina colaborativa de grafismos, que resulta na identidade visual da turma e no design da vinheta de abertura dos vídeos. “Cada comunidade possui seu repertório visual que imprime aos objetos significações e interpretações próprias. Este é construído por meio de uma linguagem visual que não é um sistema lógico, por esta razão, difícil de interpretar” (Cavalcante, 2014: 91). Depois de uma apresentação sobre os estudos a respeito dos grafismos indígenas, os estudantes praticam desenhos a mão livre em papel e em seus corpos, descrevendo a importância e os significados para suas etnias de cada grafismo desenhado.

FIGURA 2- Estudante Guarani Ana Lúcia Ortiz (2019).



Fonte - Canal *cua uel* youtube, 2023⁵.

As histórias de vida dos estudantes trazem uma diversidade que enriquece a compreensão da complexidade envolvida na vida e na resistência dos povos indígenas em seus diferentes contextos. Alguns foram criados na cidade e não tiveram a convivência na aldeia, há os que tiveram a língua indígena como língua materna e outros que falam somente Português. Desta forma, as autobiografias funcionam como pontes que conectam espaços, saberes e trajetórias. Em suas narrativas, os estudantes do Ciclo Intercultural conectam suas comunidades indígenas com sua presença na universidade. Além do mais, a presença nas redes digitais expande seus territórios e seu ecossistema conectando-se a outros povos e outros contextos culturais globais. “Cria-se assim, uma complexa ecologia que une reticularmente os povos envolvidos, suas culturas, seus territórios, sua biodiversidade aos circuitos informativos digitais por meio de um singular dinamismo tecnocomunicativo-habitativo.” (Di Felicce; Pereira, 2017: 43)

5 Disponível em <https://youtu.be/OUjOzh8lq-s?si=bVUZS9z6EuYEhl6q> Acesso em 13 mar 2025.

A produção das autobiografias leva em média vinte encontros presenciais. Para contar suas histórias, alguns estudantes precisam viabilizar tradução de suas falas, quando optam por falar na língua materna, outros requerem a produção de animações ou ilustrações para histórias ou fabulações que desejam incluir no vídeo. Em cinco anos dessa experiência, foram publicadas 25 autobiografias.

FIGURA 3- Estudante Kaingang Jhonifer Tavares (2022).



Fonte - Canal cuia uel youtube, 2023⁶.

O patrimônio linguístico, filosófico, cultural e social dos povos indígenas torna-se evidente nos vídeos disponibilizados no Canal da Comissão Universidade para os Indígenas (Cuiauel, 2023), demonstrando o quanto a presença indígena na universidade contribui de forma original e inovadora para diversas áreas do conhecimento. A cada ano, como parte da programação do evento Abril Indígena, é realizada uma mostra dos vídeos autobiográficos de forma presencial e aberta ao público. Como lembra a poetiza indígena Márcia Kambeba:

⁶ Disponível em <https://youtu.be/bxkvQAEVbHI?si=PDbxhq8QORNclKBP>
Acesso em 13 mar 2025.

*“É preciso desconstruir e permitir
Uma interculturalidade
Um respeito à diversidade
Nessa casa de saber*

*Porque na minha universidade-aldeia
Onde o rio corre à vontade
O pesquisador não vai sofrer” (Kambeba, 2020:116)*

O tempo da universidade nem sempre está de acordo com os tempos vivenciados pelos estudantes indígenas em suas comunidades. Embora no Ciclo seja possível perceber o tempo da contemplação e da escuta trazido da vida nos Tekohas⁷, faz parte deste primeiro ano adaptar-se ao modo de vida acadêmico, marcado por certo produtivismo, com seus prazos e burocracias. No decorrer dessas vivências, vamos percebendo que é preciso combater o sofrimento, o racismo, a intolerância, presentes em nossas estruturas, sistemas e protocolos. Muita violência se expressa na universidade em forma de exclusão, falta de compreensão sobre as diferenças, dificuldade de permanência, no sentimento de que a universidade não é o seu lugar. Por isso, o fortalecimento individual e coletivo dos estudantes indígenas tem sido um caminho importante para a redução da evasão, para um melhor desenvolvimento das trajetórias acadêmicas e para o protagonismo indígena na universidade.

No Ciclo é possível experimentar uma universidade que busca se decolonizar. Os encontros ocorrem geralmente em forma de roda de conversa, dispondo os corpos em uma horizontalidade em que todos vêem e são vistos, falam e são ouvidos. Os Seminários e Práticas Interculturais costumam receber frequentemente convidados para discutir temas de sua especialidade, sejam estes

7 Termo utilizado pelos Ava Guarani para se referir ao lugar onde vivem, sua aldeia.

docentes, membros das comunidades da região ou profissionais indígenas ou indigenistas. Assim, as rodas começam sempre com uma apresentação de cada pessoa presente, momento de se conhecer e se reconhecer. E os estudantes indígenas que já estão nos cursos de graduação também são presença constante na sala do Ciclo, sempre que têm uma aula vaga ou uma oportunidade voltam para interagir com os mais novos. Esse movimento acabou motivando a criação de uma Articulação dos Estudantes Indígenas da UEL (Artein, 2023).

Também são organizadas visitas e atividades práticas para explorar o campus, a cidade e os territórios indígenas. Em 2022, professores, estudantes indígenas do Ciclo e estudantes não indígenas colaboradores da produção das autobiografias fizeram uma viagem a São Paulo, onde visitaram o Museu da Língua Portuguesa, onde havia uma exposição temporária sobre línguas indígenas, o Museu das Culturas Indígenas, o Museu do Ipiranga e o Pátio do Colégio Anchieta. Nessas visitas pudemos confrontar histórias e refletir sobre o caminho que trouxe os povos indígenas brasileiros até aqui.

A subjetividade e a coletividade estão sempre presentes nas falas. As trajetórias expressam sofrimentos de diversos tipos, como preconceito, racismo, violências de variadas formas, em especial ao longo da vida escolar, o que contribui também para as dificuldades na permanência e no processo formativo na universidade. Uma das atividades que causou um momento emocionante de trocas interculturais importantes foi a leitura de uma carta dirigida aos ancestrais por cada um dos participantes. Nesse dia, além da turma do Ciclo e da equipe de produção participaram estudantes do curso de Especialização em Comunicação Popular e Comunitária, onde havia pessoas afrodescendentes, de ancestralidade oriental e de diversos tipos físicos e de orientação sexual. A partir das histórias de vida e afetações decoloniais/anticoloniais/contracoloniais foi possível estabelecer as conexões e perceber as interseccionalidades experienciadas.

Observa-se o Ciclo e a produção das autobiografias como um espaço de aprendizado decolonial também aos estudantes de jornalismo e do mestrado em comunicação que anualmente participam das equipes. O letramento étnico-racial é um fator que passa a compor o repertório desses comunicadores, o que espera-se tenha repercussões futuras na forma como a mídia representa os povos indígenas, em especial nas produções jornalísticas.

A questão da representação midiática está diretamente relacionada à reflexão sobre a temática da identidade étnico-comunitária. Nesse sentido, é preciso considerar seu caráter móvel, pois é “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (Hall, 2006: 13). As identidades indígenas se constituíram de transformações impostas pela hegemonia do Estado nacional que dizimaram povos e territórios. A partir dessas imposições, se articularam identidades étnicas e políticas até os dias atuais, nos mais diversos movimentos que reivindicam seus direitos de existir. Ao invocarem a trajetória do passado, reinventam-se no presente em busca de uma outra possibilidade social. Como aponta Jonathan Rutherford (1990, p. 20), “a identidade é a intersecção de nossas vidas cotidianas com as relações econômicas e políticas de subordinação e dominação”.

Para dialogar com esses autores chamados pós-coloniais, podemos escutar as vozes indígenas. Para Gersem Luciano Baniwa... “após 500 anos de massacre, escravidão, dominação e repressão cultural, hoje respiram um ar menos repressivo, o suficiente para que, de norte a sul do país, eles possam reiniciar e retomar seus projetos sociais étnicos e identitários. Culturas e tradições estão sendo resgatadas, revalorizadas e revividas. Terras tradicionais estão sendo reivindicadas, reapropriadas ou reocupadas pelos verdadeiros donos originários. Línguas vêm sendo reaprendidas e praticadas na aldeia, na escola e nas cidades. Rituais e cerimônias tradicionais há muito tempo não praticados

estão voltando a fazer parte da vida cotidiana dos povos indígenas nas aldeias ou nas grandes cidades brasileiras. Isto é um retorno ao passado ou puro saudosismo? De modo algum. Isto é identidade indígena e orgulho de ser índio.” (Luciano Baniwa, 2006: 39)

Em tempos de globalização, os sujeitos encontram respostas pessoais sobre quem são e o que desejam se tornar em meio à pluralidade cultural, como são representados e como isso afeta suas formas de ser. Ou seja, a identidade se constitui através das rotas sociais e econômicas que esses sujeitos culturais adquirem em contextos multi e interculturais. A identidade torna-se um aspecto das produções de sentidos culturais que se constituem a partir das rotas sociais dos sujeitos, moldada pelas relações espaço-tempo, aludindo a um pertencimento geográfico e histórico-cultural de grupos étnicos. Na visão indígena, mais importante de como os indivíduos são moldados, está o caráter coletivo nessas intersecções.

No contexto da universidade, assim como no contexto midiático hegemônico “la comunicación se conceptúa como el proceso de transmisión de contenidos informativos tecnológicamente mediado que cumple funciones de control social a través del logro de determinados efectos en receptores masivos y pasivos” (Torrico Villanueva, 2018: p.76).

Ainda sobre a construção de diferentes formas de interação intercultural nas atividades de produção das autobiografias, correndo o risco de uma idealização, alguns momentos nos mostram que se aprende mais com o afeto e com o bem viver. Comer junto e criar vínculos parece fazer muito sentido. Algumas experiências surgem como um giro decolonial, como a primeira vez que foi permitido aos estudantes indígenas do Ciclo fazer uma fogueira no campus para a confraternização no final do curso. Essas práticas do bem viver ajudam a imaginar outros mundos possíveis (Krenak, 2019). As apresentações dos grupos culturais vindos dos territórios indígenas em momentos festivos ou

de protesto na Universidade contribuem tanto para o fortalecimento dos vínculos étnicos e culturais, por parte dos estudantes, quanto para a visibilidade, respeito e acolhimento pelo restante da comunidade acadêmica. Uma presença que passa a ser vista como riqueza cultural e epistemológica e não como obstáculo ao cotidiano universitário.

Para além da experiência do Ciclo, ensaiamos outros processos de decolonização. Como a produção de trabalhos de conclusão de curso nas quais os estudantes apresentavam dificuldade na escrita acadêmica, a possibilidade de reverter a escrita para um registro da fala eliminou essas barreiras. Escrever como se fala, usar a primeira pessoa, construir conhecimento a partir das vivências concretiza o giro decolonial. A realização das bancas ainda não são permitidas fora do campus, mas com licenças especiais conseguiu-se realizar duas bancas de graduação e uma de mestrado nos territórios indígenas de pertencimento dos estudantes, o que representa uma forma de devolutiva dos conhecimentos construídos no processo formativo. Esta é uma preocupação frequentemente expressada nas falas dos estudantes do Ciclo e que se mantém para a maioria após o ingresso no curso de graduação escolhido.

Considerações finais

A experiência vivida junto aos estudantes indígenas do Ciclo Intercultural de Iniciação Acadêmica da UEL traz vários deslocamentos e desconstruções. São pequenas indisciplinas: horizontalizar a comunicação, fortalecer vínculos, fluir nos caminhos metodológicos, tomar os sujeitos de pesquisa também como pesquisadores, jamais como objetos de pesquisa. Ter a liberdade de olhar mais amplo, fazer diferente. O fazer pedagógico, o fazer comunicativo e o fazer epistemológico podem ser sempre inventados e sentidos na interação.

O planejado nem sempre é possível, como, por exemplo, cum-

pir um cronograma previamente estabelecido. Alguns estudantes viajam diariamente por estradas de terra para chegar a Universidade e em tempos de chuva ou quando acontecem imprevistos como problemas mecânicos no veículo, as ausências requerem uma constante revisão do que foi combinado. Surgem também questões pessoais, como dificuldades encontradas pelos estudantes indígenas em lidar com aspectos de sua própria trajetória.

Nas atividades do Ciclo aprende-se certamente mais do que ensina-se e é importante levar essa práxis para a interação com outros estudantes, em outros contextos e realidades. Foi nesse âmbito que os participantes não indígenas reconhecem-se privilegiados e percebem que há ainda um longo caminho para se decolonizar. Se a presença indígena pinta a universidade de jenipapo e urucum, os estudantes e professores não indígenas também vão sendo pintados de preto e vermelho.

No que se refere às autobiografias, embora trate-se de um produto muito simples, pode-se concluir que o mais importante é o processo dialógico na produção, a constante interrogação dos sujeitos envolvidos sobre si mesmos, suas identidades culturais, e a forma como se relacionam e interagem com as diferenças. Uma convivência transformadora nesse caminhar que fortalece a todas as pessoas envolvidas, tornando a universidade um território de afetos e de produção de vida.

Bibliografía

- AMARAL, W. R.. (2019a)
A presença indígena e afrodescendente interroga a educação superior e possibilita o enfrentamento ao racismo! Colección Apuntes, Nro. 4, Cátedra UNESCO Educación

Superior y Pueblos Indígenas y Afrodescendientes en América Latina, Sáenz Peña: Universidad Nacional Tres de Febrero, UNTREF. Recuperado de: < <https://drive.google.com/file/d/1gadDP4PrO5BTtBoqDIKLQNoRhtAZirG8/view> > Acesso em 18 Fev. 2020.

- AMARAL, W. R..(2019b) Política afirmativa dos povos indígenas: desafios e possibilidades na educação superior pública. In: BERGER, W. (Org.). No olho do furacão: populações indígenas, lutas sociais e serviço social em tempos de barbárie. Vitória: Editora Milfontes, Rio de Janeiro.
- AMARAL, W. R..(2023) Comunicação Oral em reunião da Comissão Universidade para os Indígenas. Londrina: Março, 2023.
- BENTO, C.. (2022) O pacto da branquitude. São Paulo: Companhia das Letras.
- CAVALCANTE, A. L. B. L.. (2014) Design para a sustentabilidade cultural: recursos estruturantes para sistema habilitante de revitalização de conhecimento local e indígena. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/132600>. Acesso em: 22 Jun. 2018.
- CUSICANQUI, S. R.. (2021) Ch'ixinakax utxiwa: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Tinta Limón.
- CUIA UEL. (2023) Canal da Comissão Universidade para os Indígenas da Universidade Estadual de Londrina. Disponível em www.youtube.com/c/CuiaUel. Acesso em 20 ago. 2023.
- DI FELICE, M.; PEREIRA, E.. (2017) Formas comunicativas do habitar indígena: A digitalização da floresta e o net-ativismo nativo no Brasil. In: DI FELICI, Máximo; PEREIRA, Eliete (orgs.).Redes e ecologias comunicativas indígenas: As contribuições dos povos originários à Teoria da comunicação. São Paulo: Paulus.
- FREIRE. P.. (1974)A pedagogia do Oprimido. São Paulo: Paz e Terra.
- GROSGOUEL, R.. (2016) Del extractivismo económico al extractivismo epistémico y ontológico. Revista Internacional de Comunicación y Desarrollo. v. 1, n. 4, p. 33-45.
- GUERRERO ARIAS, P.. (2011).

Corazonar una antropología comprometida con la vida.
Quito: Editorial Universitaria Abya-Yala.

- GUERRERO ARIAS, P.. (2012) Corazonar desde el calor de las sabidurías insurgentes. En: Revista Sophia: Colección de Filosofía de la Educación. N° 13. Quito: Editorial Universitaria Abya-Yala.
- HALL, S.. (2006) A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A.
- HALL, S..(2016) Cultura e representação. Rio de Janeiro: PUC-Rio: Apicuri.
- IBGE.(2022) Disponível em Instituto https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/?utm_source=ibge&utm_medium=home&utm_campaign=portal
- KAMBEBA, M. W..(2020) Saberes da Floresta. São Paulo: Jandaíra.
- KRENAK, A.. (2019) Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Cia das Letras.
- LUCIANO BANIWA, G. B..(2006) O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil hoje. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional.
- LUCIANO BANIWA, G.; AMARAL, W. R.. (2021) Povos indígenas e educação superior no Brasil e no Paraná: desafios e perspectivas. Integración y Conocimiento: Córdoba, v.2, n.10, p.13-37. Disponível em: <https://revistas.unc.edu.ar/index.php/integracionyconocimiento/article/view/34069>
- MUNDURUKU, D.. (2020) Mundurukando 1: Sobre saberes e utopias/ Daniel Munduruku; participação especial de Ceíça Almeida. 2. ed. Lorena: UK'A.
- QUIJANO, A.. (2005) Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires, Colección Sur Sur, p.118-142.
- RUTHERFORD, J.. (1990) Identify: Community, culture, difference. Londres:

- Lawrence and Wishart.
- SANTOS, A. B.. (2023) A terra dá, a terra quer. São Paulo: Ubu Editora, PISEAGRAMA.
- TORRICO VILLANUEVA, E.. (2023) La comunicación decolonial, perspectiva in/ surgente. Revista ALAIC, v. 15, n. 28, p. 72-81, 2018. Disponível em <http://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/1150/548> Acesso em 20/11/2023.
- UEL. (2021) Projeto pedagógico do Ciclo Intercultural de Iniciação Acadêmica dos Estudantes Indígenas. No prelo. PROGRAD, Londrina.
- WALSH, C.. (2017) Aprender, desaprender y reaprender, junto a los movimientos sociales. In: Pluralidades. Revista para el debate intercultural. Vol. 5-6, Ministério de Cultura, Puno/ Peru, Julio, p. 43-64.
- ALVES, R. O ciclo intercultural de iniciação acadêmica para estudantes indígenas da Universidade Estadual de Londrina. 2016. Dissertação (Mestrado Profissional em Políticas Públicas) - Departamento de Ciências Sociais, Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2016
- PIRES, Magna Natalia Marin; AMARAL, Wagner Roberto do; KUBOYAMA, Jean Carlos Alves da Silva. O Ciclo intercultural de iniciação acadêmica em uma Universidade Estadual do Paraná: o fortalecimento dos indígenas na educação superior em uma experiência com a Educação Matemática. Zetetike, Campinas, SP, v. 26, n. 1, p. 240–257, 2018. DOI: 10.20396/zet.v26i1.8650891. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/zetetike/article/view/8650891>. Acesso em: 18 abr. 2025.

Datos do autor

Mônica Panis Kaseker

Jornalista, doutora em Sociologia, pesquisa representação dos povos indígenas na mídia e produção audiovisual intercultural. Docente no curso de Jornalismo e no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina (UEL), membra da

Comissão Universidade para os
Indígenas (Cuia UEL) e professora
do Ciclo Intercultural de Iniciação
Acadêmica dos Estudantes
Indígenas da UEL.
mkaseker@uel.br
Orcid: 0000-0002-1613-6231

Recibido: 21/8/2024

Aceptado: 5/3/2025